

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Miguel Sepúlveda direção musical

31 jan 2025 · 21:00 Sala Suggia



anos  
casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

### **Felix Mendelssohn**

Sinfonia para cordas n.º 10, em Si menor (1823; c.11min)

Adagio — Allegro

### **Wolfgang Amadeus Mozart**

Sinfonia n.º 35, em Ré maior, “Haffner”, K. 385 (1782; c.20min)

1. Allegro con spirito
2. Andante
3. Menuetto e Trio
4. Presto

2ª PARTE

### **Johannes Brahms**

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98 (1884-85; c.40min)

1. Allegro non troppo
2. Andante moderato
3. Allegro giocoso
4. Allegro energico e passionato

---

## Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 1809 – LEIPZIG, 1847

### Sinfonia para cordas n.º 10, em Si menor

Felix Mendelssohn Bartholdy foi um menino-prodígio. Começou a aprender piano com a mãe e, aos nove anos, deu o seu primeiro concerto público. Um ano depois, vai estudar composição com Carl Friedrich Zelter (1758-1832), professor muito conceituado que também dirigia a Singakademie de Berlim, um grupo coral que se dedicava à interpretação da música de Johann Sebastian Bach. Zelter havia sido aluno de Carl Friedrich Christian Fasch (1736-1800) e de Johann Philipp Kirnberger (1721-1783), ambos compositores da corte de Frederico, o Grande, e contemporâneos de Carl Philipp Emanuel Bach. Kirnberger, por sua vez, teve aulas com J. S. Bach e, em 1774, publicou o tratado *A Arte da Composição Pura na Música*, onde sistematizou o método de ensino do seu professor. É esta linhagem barroca e pré-clássica que Zelter incentiva o seu jovem discípulo — Felix Mendelssohn — a estudar em profundidade.

Entre 1821 e 1823, Felix Mendelssohn compõe 13 sinfonias para orquestra de cordas, numeradas de 1 a 12, mais a *Sinfoniesatz* (“Movimento sinfónico”), que é a 13.<sup>a</sup> e foi substituída pela Sinfonia n.º 1 em Dó menor, op. 11. São obras de juventude que reflectem os ensinamentos de Zelter.

A Sinfonia para cordas n.º 10, em Si menor (interpretada no concerto de hoje), foi composta em 1823, ano de criação das últimas cinco. Está na forma sonata e desenvolve-se num único andamento constituído por duas partes contrastantes: o “Adagio” é sombrio e introspectivo, fazendo lembrar as introduções lentas de algumas das sinfonias de Haydn; as escalas

ascendentes na parte final parecem querer trazer um pouco de luz e introduzem o “Allegro”. A segunda parte da sinfonia, apesar de mais luminosa, é nervosa e inquieta. A incessante utilização de colcheias, por um lado, e o uso do modo menor (a obra está na tonalidade de Si menor), por outro, acentuam a tensão latente. No entanto, Mendelssohn presenteia-nos com um segundo tema cáldo e melódico, nos primeiros violinos, trazendo um laivo de elegância e graça. A sinfonia termina de forma acelerada, com um “Più presto” que intensifica a agitação e a tensão do “Allegro”. Ainda que esta segunda parte nos remeta para o universo musical de Mozart, nota-se a marca de Mendelssohn na forma como constrói emocionalmente a obra.

ANA MARIA LIBERAL, 2025\*

---

## Wolfgang Amadeus Mozart

SALZBURGO, 1756 – VIENA, 1791

### Sinfonia n.º 35, em Ré maior, “Haffner”

A composição da Sinfonia n.º 35 não constituiu uma tarefa linear para Wolfgang Amadeus Mozart, como documenta a correspondência trocada com o pai Leopold, entre Julho de 1782 e Março de 1783. Tinha composto, em 1776, uma Serenata em Ré maior (K. 250) para os Haffner, uma família destacada de Salzburgo, para integrar as celebrações do casamento de Marie Elisabeth Haffner (filha de Sigmund Haffner) com Franz Xaver Späth. A proximidade das duas famílias terá levado Leopold a solicitar ao filho a composição de uma nova obra, desta feita uma sinfonia para celebrar o facto de o filho de Sigmund Haffner receber um título nobiliárquico. Mas a altura não era a mais conveniente: em carta ao pai, a 20 de Julho de 1782, Mozart descreve todas as

tarefas urgentes que tinha em mãos e manifestou-se surpreendido pelo pedido que o vem sobrecarregar ainda mais. Percebe-se também, na correspondência deste período, que estava na iminência de desposar Constanze Weber, e que várias complicações se acumulavam neste contexto, sendo o maior obstáculo a falta de aprovação do pai quanto à união.

No entanto, Mozart não recusa a tarefa e, em 27 de Julho, envia ao pai um “Allegro” inicial, com desculpas pelo facto de a composição não estar completa. Promete também dois minutos, um “Andante” e o último andamento para o fim desse mês, e coloca ainda a hipótese de acrescentar uma marcha, sugerindo a inclusão, caso necessário, da marcha da *Serenata Haffner*. Mas a promessa não foi cumprida: a 31 de Julho, desculpa-se de novo com assuntos relacionados com a boda iminente. Não obstante, o casamento poderá ter desbloqueado a procrastinação da tarefa. A 7 de Agosto, já casado, o compositor envia ao pai uma marcha (K. 408) que não virá a integrar a Sinfonia n.º 35, e a 24 de Agosto nova carta indicia que Leopold não só terá recebido a sinfonia completa, como a terá aprovado. É possível, no entanto, que a obra nem tenha sido tocada no contexto para o qual inicialmente fora encomendada, já que a sua estreia ocorre apenas a 23 de Março do ano seguinte, e Mozart poderá ter feito alterações em relação à versão enviada ao pai no ano anterior. Uma carta de 29 de Março descreve o contexto e o alinhamento do concerto, em seu benefício, que ocorreu em Viena na presença do Imperador. Constavam do programa, além da Sinfonia n.º 35, apenas obras de Mozart: uma ária da ópera *Idomeneo*, um concerto para piano e orquestra, uma cena vocal, uma serenata instrumental, outro concerto para piano e orquestra, uma ária da ópera *Lucio Silla*, uma fuga e dois conjuntos de variações para piano,

um rondó vocal, terminando com a repetição do andamento final da Sinfonia n.º 35.

A dimensão do programa era usual para o contexto vienense da altura e demonstra que, até meados de 1780, as sinfonias eram vistas, até certo ponto, como repertório de circunstância, a ser tocado em situações que evidenciavam um grau de informalidade completamente diverso das normas de comportamento em salas de concerto dos nossos dias. Mozart, que havia estabelecido residência em Viena em 1781, adaptou-se a este novo contexto, focando a sua actividade de compositor em repertório com maior receptividade por parte desse público. Durante os seus últimos anos de vida na cidade, o repertório instrumental mais representativo da sua produção foram os concertos para piano e orquestra, que lhe permitiam apresentar-se (e ser remunerado) como solista; e compôs poucas sinfonias, não obstante algumas destas (nomeadamente as Sinfonias n.ºs 39, 40 e 41) contarem entre as suas composições mais importantes nesse género.

Se a Sinfonia n.º 35 foi planeada como música de circunstância para um evento social, é bem possível que a recepção positiva se tenha devido ao facto de não ter, em última análise, demonstrado a discrição expectável: o “Allegro con spirito” inicial, com contrastes marcantes entre os *tutti* em *forte* e secções em *piano* (obtido através da redução do número de naipes), poderá ter chamado a atenção do público. Este “Allegro” já apresenta o ritmo pontuado que se evidenciará como um dos motivos mais importantes do andamento; outros motivos relevantes são as frequentes sequências de escalas e os saltos de oitava. Em ambos os casos, são figuras marcadas pela energia e o impulso, e que definem o carácter deste andamento.

O “Andante” explora o contraste entre diferentes tipos de articulação: o tema principal,

## Johannes Brahms

HAMBURGO, 1833 – VIENA, 1897

### Sinfonia n.º 4, em Mi menor

A Sinfonia n.º 4 em Mi menor, op. 98, é a última obra sinfónica de Johannes Brahms. Mas a sua génese é anterior à Sinfonia n.º 3, porquanto Brahms, no início do ano de 1882, colocou a hipótese de compor uma obra sinfónica a partir do último andamento da *Cantata Nach dir, Herr, verlanget mich*, BWV 150, de Johann Sebastian Bach. A Sinfonia n.º 4 começa, porém, a ser composta no Verão de 1884, nomeadamente o “Allegro non troppo” e o “Andante moderato”. Elisabeth von Herzogenberg e Clara Schumann, duas grandes amigas do compositor alemão, inquiriram-no por carta durante todo o Inverno de 1884 e a Primavera de 1885, manifestando curiosidade em saber se estaria a ser escrita uma nova sinfonia. Brahms não lhes respondeu. Passou o Verão de 1885 a trabalhar no terceiro e no quarto andamentos, e no início de Setembro enviou a Elisabeth von Herzogenberg a partitura do primeiro. A 25 de Outubro de 1885, a Sinfonia n.º 4 era estreada em primeira audição mundial na cidade alemã de Meiningen, numa interpretação da Orquestra da Corte dirigida pelo compositor.

Um correspondente do jornal *Neue Musik-Zeitung* noticiou o “enorme sucesso” da obra considerando-a “a conquista mais poderosa” de Brahms no domínio sinfónico. Mas a polémica deflagrou entre o crítico Eduard Hanslick, defensor entusiasta do compositor alemão, e Hugo Wolf, adepto fervoroso de Wagner. Para Wolf, a Sinfonia n.º 4 de Brahms, à semelhança das outras três, era de uma “horrível monotonia” e possuía uma linguagem que era a “da mais intensa impotência musical”. Hanslick contrapôs afirmando que a sinfonia, enquanto

ligado e expressivo, é apresentado pelos primeiros violinos e contrasta com a articulação em *staccato* dos segundos violinos, que lhe confere uma leveza particular. Embora os instrumentos de sopro só pontualmente se salientem em episódios solísticos, a sua inserção ou ausência são usadas para conferir coloridos orquestrais diferenciados. A elegância é o carácter predominante deste andamento, e a influência do ritmo das danças de corte está sempre implícita.

No “Menuetto”, a presença da dança é óbvia e literal, tanto no título, como no ritmo ternário e nos contrastes entre dinâmicas fortes e suaves. O “Trio” intercalar, que antecede a repetição final do “Menuetto”, segue a convenção padronizada de reduzir o número de naipes em acção e demonstra-se mais delicado nas dinâmicas e no vigor rítmico.

No *finale* (“Presto”), Mozart faz de novo sobressair os contrastes de dinâmicas e texturas orquestrais. Contrariamente à energia com que abre o primeiro andamento, a orquestra aqui apresenta inicialmente motivos entrecortados, em *piano*, surpreendendo logo a seguir com a passagem para um motivo em *forte*, pontuado por acordes. Trilos nos tímpanos reforçam a energia deste tema principal, que se assume como o refrão de um formato rondó, ou seja, uma estrutura em que um tema recorrente funciona como refrão, intercalado com secções diferenciadas e contrastantes.

HELENA MARINHO, 2019\*

género musical, “é a consagração suprema de um compositor”, salientando, a seguir, que todas as qualidades e recursos criativos ímpares de Brahms, tais como a “genuína invenção sinfónica”, o “domínio de todos os segredos do contraponto, harmonia e instrumentação” e a “mais bonita liberdade de fantasia (...) estão presentes de forma abundante nesta Sinfonia”.

Na verdade, a Sinfonia n.º 4 de Brahms é um exemplo perfeito da forma reverencial com que o compositor alemão tratou e respeitou a tradição sinfónica, revestindo-a, no entanto, com um cunho pessoal indelével: a “melancolia generalizada”, como afirma o musicólogo James Hepokoski. A construção formal e musical da obra que preenche a segunda parte do concerto desta noite é notável. Brahms edifica todo o primeiro andamento em intervalos de terceira ascendentes e descendentes (em música, intervalo é a unidade de medida da distância entre duas notas). No primeiro tema, alterna intervalos descendentes de terceira com intervalos ascendentes de sexta, obtendo como resultado uma melodia inquieta e ansiosa — apresentada pelos violinos I e II, primeiro, e pelos violoncelos e contrabaixos, a seguir. O segundo tema, vigoroso e conciso, introduzido pelo oboé, clarinete e fagote, é também todo ele composto por terceiras; quando os violinos interpretam uma linha melódica *cantabile*, toda a orquestra toca uma série de terceiras que se movimentam no sentido descendente.

O belíssimo “Andante moderato” começa com uma citação vigorosa e ritmicamente incisiva a cargo das trompas, seguida de uma passagem arrebatadora na qual as cordas apoiam uma melodia interpretada pelos sopros através de delicados acordes em *pizzicato*. A sonoridade medieval que sobressai neste segundo andamento deve-se à utilização do modo frígio em Mi.

A única vez que Johannes Brahms escreve um *scherzo* ‘à maneira’ de Beethoven nas suas sinfonias é na Sinfonia n.º 4. Embora esteja na forma sonata, o “Allegro giocoso” pode ser comparado a um *scherzo* no carácter, pela sua alegria e energia transbordantes.

Brahms era um mestre a incorporar e reinterpretar alusões musicais históricas nas suas obras. O quarto andamento da sua derradeira sinfonia contém um dos exemplos mais sublimes, ao incorporar um tema em forma de coral (com ligeiras modificações) extraído da Cantata *Nach dir, Herr, verlanget mich*, BWV 150, de Bach, e construindo sobre ele um conjunto de 35 variações em forma de *passacaglia*. São os sopros (metais e madeiras) que, numa demonstração de força e poderio sonoro, apresentam o tema circunspecto e austero que dá início a uma estrutura monumental — um corolário perfeito para a última obra sinfónica do compositor alemão.

ANA MARIA LIBERAL, 2017\*

---

\* As autoras não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

## Miguel Sepúlveda direção musical

Vencedor do Prémio Jovens Músicos 2022 e semifinalista do Prémio Malko em 2024, Miguel Sepúlveda está a desenvolver uma carreira entusiasmante enquanto membro da nova geração de jovens maestros. Em junho de 2025, disputa a final do Prémio Internacional de Direção de Roterdão, apresentando-se à frente da Orquestra Filarmónica de Roterdão, da Orchestra of the 18th Century e da Sinfónica de Roterdão, entre outras formações.

Nos destaques da presente temporada incluem-se estreias com a Philharmonie de Dresden, a Sinfónica de Sønderjylland e a Orquestra de Câmara de Munique, bem como regressos à Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e à Filarmónica Alemã de Merck.

Já depois de ter conquistado o Prémio Jovens Músicos 2022, dirigiu *Suor Angelica* de Puccini no Operafest em Lisboa e estreou-se

com a Orquestra Gulbenkian, tendo daí resultado de imediato um segundo convite.

No Reino Unido, Miguel Sepúlveda dirigiu a Filarmónica da BBC, a Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC e a Manchester Camerata, além de ser maestro assistente de Domingo Hindoyan e de Vasily Petrenko na Royal Liverpool Philharmonic, bem como de Omer Meir Wellber na BBC e de Mark Elder na Hallé.

Os seus concertos têm sido elogiados pela crítica nacional e internacional, com menções no jornal Público (Portugal) e nos franceses Le Figaro e Res Musica: “Aos 25 anos, Miguel Sepúlveda estreou-se como maestro convidado com a Orquestra Gulbenkian. Cheio de elegância, (...) um talento a seguir de muito perto... Seria sensato trazê-lo a França sem demora”.

Nascido em Lisboa em 1998, Sepúlveda estudou com Jean-Marc Burfin, e concluiu o mestrado no Royal Northern College of Music com Mark Heron e Clark Rundell.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vasily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Sylvain Cambreling, David Robertson, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt. Tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Colónia, Munique, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e Vasco Mendonça.

A presente temporada explora os cruzamentos de linguagens, das raízes ibéricas ao romantismo tardio de Wagner e Mahler, dos grandes sinfonistas russos a uma estreia da Sofia Gubaidulina, da sensibilidade ecológica de Liza Lim (Compositora em Residência 2025 com a estreia nacional do *Tríptico da Anunciação*) ao orientalismo de um concerto para gamelão de James Tenney. Somam-se

ainda referências à música de dança (Gabriel Prokofiev), ao jazz (Igor C Silva), à poesia persa medieval (Szimanowski) e à cultura eslava (*Missa Glagolítica* de Janáček). Ao longo do ano, merece destaque a comemoração dos 25 anos da formação sinfónica da Orquestra e um ciclo dedicado aos Grandes Concertos de Tchaikovsky, contando com os solistas convidados Júlia Pusker (violino), Yeol Eum Son e Claire Huangci (piano), e Pavel Gomziakov (violoncelo).

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofiev, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 celebrou os 50 anos do 25 de Abril com a estreia mundial de uma encomenda a Daniel Moreira, num ano em que apresentou novas obras de Luís Tinoco e António Pinho Vargas, mas também música portuguesa de outras épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça e vários títulos de Emmanuel Nunes.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**Violino I**

Álvaro Pereira  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Emília Vanguelova  
Roumiana Badeva  
Maria Kagan  
Andras Burai  
Vadim Feldblioum  
Jorman Torres  
Alan Guimarães  
Tünde Hadadi  
Pedro Carvalho\*  
Margarida Campos\*  
Gabriela Peixoto\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Karolina Andrzejczak  
Pedro Rocha  
José Paulo Jesus  
Catarina Martins  
Paul Almond  
Lilit Davtyan  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev  
Raquel Santos\*  
Mariana Cabral\*

**Viola**

Pedro Meireles  
Emília Alves  
Jean-Loup Lecomte  
Catarina Gonçalves\*  
Biliana Chamlieva  
Alexandre Aguiar\*  
Luís Norberto Silva  
Carolina Palha\*  
Hazel Veitch  
Anna Gonerá

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Michal Kiska  
João Cunha  
Bruno Cardoso  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan  
Sharon Kinder  
Tiago Mendes\*

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Tamás Bartók

**Clarinete**

Luís Silva  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Cândida Nunes  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Sousa  
Eddy Tauber  
Hugo Carneiro

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Rui Brito

**Trombone**

Dawid Seidenberg  
Ricardo Pereira\*  
Nuno Martins

**Tímpanos**

Bruno Costa

**Percussão**

Paulo Oliveira

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Virgínia Esteves

**Palco**

José Vilela  
Rui Brito

## Próximos concertos

01.02 SÁB 21:00 SALA SUGGIA

### **Queen Lives Forever**

**Orquestra Nova de Guitarras**

**Miguel Madaleno** direção musical e arranjos

promotor: AAJONG — Associação de amigos juntos pela Orquestra Nova de Guitarras

01.02 SÁB 21:30 SALA 2

### **Future Rocks 2025**

serviço educativo | nossos concertos

**Alunos de escolas vocacionais de música** interpretação

02.02 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

### **Estação Casa da Música**

serviço educativo | primeiras oficinas

**Bruno Estima e Paulo Neto** formadores

02.02 DOM 12:00 SALA SUGGIA

### **Domingo com Brahms**

**Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Miguel Sepúlveda** direção musical e comentários

Quarta Sinfonia de **Johannes Brahms**

04.02 TER 21:00 SALA SUGGIA

### **Calexico Trio**

promotor: Uguru

04.02 TER 21:30 SALÃO ÁRABE DO PALÁCIO DA BOLSA

### **Solistas da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Ilaria Vivan** harpa

**Alex Auer** flauta

**Mateusz Stasto** viola

**Nikolai Gimaletdinov** violoncelo

Obras de **Joseph Jongen, Albert Roussel e Franz Schubert**

05.02 QUA 21:30 SALA SUGGIA

### **Milhanas**

promotor: Sons em Trânsito

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

